

2ª Conferência Mundial de Mulheres

Resolução de Katmandu

As Mulheres Conquistarão As Montanhas Mais Altas!

Katmandu, 17 de Março de 2016

Sob o lema “As mulheres estão a subir as montanhas mais altas!”, realizou-se, de 13 a 18 de Março de 2016, a ***Segunda Conferência Mundial de Mulheres de Base***, em Katmandu, Nepal. 2.000 mulheres e também alguns homens participaram na manifestação combativa de abertura no dia 13 de Março. Mil e trezentas mulheres de 48 países, incluindo mais de 200 voluntárias nepalesas e internacionais, participaram na conferência. Mulheres de 61 países estavam diretamente envolvidas, no entanto nem todas conseguiram chegar a Katmandu. O programa de abertura foi inaugurado pela Sra Onsari Gharti Magar, porta-voz do Parlamento. Nos dias 14 e 15 de Março, seguiram oficinas de trabalho em que 560 participantes discutiram dez questões principais de mulheres.

A **Assembleia Geral**, a 16 e 17 de Março, foi assistida por 74 delegadas de 40 países que representavam 13 países de África (5*), oito países da Ásia (4*), 13 países de Europa (12*), quatro países do Médio Oriente (4*) e dois países da América Latina (9*).

As juventudes femininas – como também muitos jovens homens enquanto voluntários / brigadistas – assumiram um novo papel e responsabilidades na ***Segunda Conferência Mundial de Mulheres*** em direção aos processos futuros.

Os **princípios** da *Conferência Mundial de Mulheres* de apelar a todas as mulheres militantes e organizações de mulheres a trabalhar na base em todas as partes do mundo, e o princípio de trabalhar na base numa democracia o mais ampla possível, serviram para trazer ao processo cada vez mais mulheres e organizações de mulheres de base que lutam contra estruturas patriarcais, contra o imperialismo e pela emancipação das mulheres.

Isto é particularmente importante porque estão a crescer os desafios que o movimento mundial das mulheres enfrenta com a intensificação da crise do imperialismo e com a transferência do fardo desta crise para os ombros dos trabalhadores do mundo, em especial as mulheres. Como resultado assistimos ao crescimento do desemprego e ao aumento da pobreza. As mulheres são as primeiras a sofrer com os cortes no trabalho, as primeiras a serem despedidas. Em todo o mundo, as mulheres continuam a receber, pelo mesmo trabalho, salários inferiores aos dos homens.

A **Ásia** é atingida por uma maior crise com o imperialismo a reforçar o seu controle na região. Há desemprego em larga escala, emigração e aumento da opressão sobre os trabalhadores. Os Estados sob a administração da classe dirigente abriram os valiosos recursos naturais da região às corporações transnacionais. Também abriram os países ao militarismo imperialista, o que resultou numa guerra contra o povo e graves casos de violência contra as mulheres. Além disso, as normas feudais que ainda dominam vastas secções de muitos países asiáticos continuam a piorar a situação das mulheres. As mulheres mantêm-se socialmente inferiores, presas por milhares de grilhões de costumes e tradições. Milhares de mulheres de países pobres são forçadas a abandonar o seu país, muitas delas tornam-se trabalhadoras migrantes nos países do Golfo. Elas sofrem a tortura de estarem longe da sua terra e são violadas nos seus direitos humanos. Trabalhadoras migrantes domésticas são obrigadas de trabalhar como escravas, em especial as que estão nos países do Golfo. Diariamente, centenas regressam a casa num caixão.

No **Médio Oriente**, as forças imperialistas continuam a redesenhar a região de acordo com os seus interesses. Desde há mais de um século, as mulheres e as suas famílias sofrem com o impacto da guerra. Agora, o *daesh* está a travar uma guerra sistemática contra as mulheres, em especial contra os movimentos de mulheres que são partes integrantes da revolução democrática. O *daesh* pretende destruir a revolução. Não está apenas a escravizar as mulheres, mas a matá-las de forma sistemática. Hoje o *daesh* constitui a ameaça principal, mas o aprofundamento dos conflitos sectários representa um sério perigo para toda a região.

O **Norte de África**, que liderou a “Primavera Árabe” em 2011 - um levantamento das massas a favor da liberdade política e justiça social contra o poder autoritário – está agora num turbilhão de guerras imperialistas no meio do fundamentalismo em ascensão. Nos últimos anos, a África tem-se tornado o foco do saque imperialista. Os povos africanos, que lutaram para se libertar da garra do domínio colonial, encontram-se de novo sob controle das forças imperialistas e dos seus lacaios de elite no poder que permitem o saque dos recursos de África à custa dos seus povos.

A **América Latina**, que mostrou ao mundo que um melhor sistema é possível e que se tem levantado corajosamente contra o poder do imperialismo americano, está a testemunhar outra vez a subida da reação da direita como se torna evidente nos resultados das eleições na Venezuela e no Brasil.

Na **Europa** foi alcançada a igualdade em termos legais e na melhoria da vida das mulheres através das suas lutas. No entanto, a dupla exploração e opressão têm-se mantido, senão mesmo piorado. Seja onde for que mulheres se levantem e lutem, elas tornam-se o principal elo de ligação com outros movimentos combativos. As mulheres que se organizam por elas próprias e lutam tornam-se alvos de discriminação e são atacadas por forças anticomunistas. A luta contra estes ataques tem tornado as mulheres europeias mais fortes.

O conflito que o imperialismo impôs aos países da Ásia Ocidental e da África resultou numa crise de refugiados. Arrancados das suas casas e dos seus países pelas guerras imperialistas de agressão, milhões de migrantes procuram refúgio na Europa. Mas eles estão a ser recusados pelas autoridades; mal conseguem sobreviver em condições inumanas, incluindo violência contra as mulheres. Dezenas de milhares de refugiados afogaram-se no Mar Mediterrâneo. As massas de imigrantes que ainda conseguem entrar nos países europeus são culpabilizadas pelos problemas aí e pela crise da UE daí resultante.

Em todo o mundo há uma ascensão das forças fascistas e fundamentalistas. Na América e na Europa, como também na Ásia, estamos a testemunhar o surgimento da reação da direita que, de entre as camadas oprimidas da sociedade, tem como alvo principal as mulheres. Por outro lado, muitas mulheres têm vindo a tornar-se politicamente ativas e são desafiadas a assumir a luta contra sexismo, racismo e intolerância religiosa a fim de dar um sinal de solidariedade internacional.

Em todo o mundo, a **emancipação das mulheres** continua a ser um desafio. As estruturas patriarcais são defendidas pelo imperialismo para dividir as massas e para manter as mulheres subjugadas. Mas as mulheres continuam a fortalecer os seus movimentos para se levantar contra o imperialismo! A propriedade privada reforçou essa mão cheia de monopólios no poder que continuam a dominar e saquear o mundo inteiro. A filosofia do capitalismo consiste em tratar as mulheres como propriedade privada cujo papel principal é dar à luz a crianças num casamento monogâmico. Enquanto o papel principal do homem na sociedade – o de ser parte da produção social para o benefício dos imperialistas – é também reforçado pelo capitalismo. Um ano antes do 100º aniversário da Revolução Russa ainda são negadas às mulheres oportunidades iguais, direitos iguais, trabalho regular, pagamento igual por trabalho igual, um papel proeminente na produção social e muitos outros direitos que tinham sido alcançados após anos de luta. As mulheres continuam a ser encaradas como mercadorias; nos últimos anos disparou o número de mulheres e crianças traficadas. A legalização da prostituição em muitos países europeus, a coberto dos direitos das mulheres, contribuiu para estruturas mafiosas que utilizam o ‘Ato de Prostituição’ como escudo para a exploração das mulheres. Isto também se reflete nos hábitos das tropas em várias missões de manutenção da paz da ONU. Em quase todas as zonas de

guerras são criados bordéis onde mulheres jovens são obrigadas à prostituição, ou pela força, ou “voluntariamente”.

No entanto, apesar da garra do domínio da propriedade privada, seja qual for a sua forma – o feudalismo, o neocolonialismo ou o capitalismo -, as mulheres estão a rebelar-se contra a sua dupla exploração e opressão pelas estruturas patriarcais, contra modos de pensamento patriarcais e a realidade imperialista, e estão a levantar-se pela sua libertação em vários países por todo o mundo.

É neste contexto que a *Conferência Mundial de Mulheres* vai cumprir um papel importante na mobilização de mulheres ativistas e de organizações de mulheres em todo o mundo pela prática de solidariedade para com a luta das mulheres em todos os países e pela tentativa de criar uma plataforma internacional que se tornará um desafio internacional contra o domínio do imperialismo e das estruturas patriarcais. E é precisamente isto o que temos tentado realizar ao longo dos últimos anos.

A *Conferência Mundial de Mulheres* de seis dias foi um trabalho duro, mas fomos muito bem sucedidas. Já tivemos muitos sucessos desde a 1ª *Conferência Mundial de Mulheres* em 2011, em Caracas, Venezuela. Participaram mais mulheres de países diferentes na organização de três **dias conjuntos de ação e luta** – 8 de Março, 1 de Maio e 25 de Novembro – a nível mundial e com uma ligação mútua. As mulheres mantiveram os movimentos informados umas das outras sobre lutas importantes, desenvolvimentos e debates. As mulheres apoiaram as campanhas e lutas umas das outras – contra a crescente violência contra mulheres, contra guerras de agressão, contra catástrofes ambientais, contra encerramentos de fábricas e postos de trabalho, contra o roubo das terras. O apoio à luta em Rojava/Síria teve uma importância especial porque não se tratou apenas duma luta *contra* a exploração e opressão de mulheres, mas dum ponto focal da luta mundial *pela* liberdade e *pela* democracia e *pela* efetiva libertação das mulheres. Aprendemos que um inimigo aparentemente invencível, como o *daesh*, pode ser derrotado e uma nova sociedade pode ser construída. **Rojava, Curdistão**, é um exemplo brilhante do que as mulheres combativas conseguem alcançar e um modelo de luta contra estruturas patriarcais.

A *Conferência Mundial de Mulheres* desenvolveu as suas **estruturas**, os seus processos de coordenação e de cooperação. A *Conferência Mundial de Mulheres* aprendeu muitos caminhos de interligar as suas atividades políticas e de garantir a sua autonomia através de atividades de angariação de fundos. Também conseguiu dar apoio mútuo e financiar todas as suas atividades de forma independente.

A *Conferência Mundial de Mulheres* também encontrou **problemas**. Muitas tarefas novas e atividades têm surgido nos diferentes países e/ou nas regiões, de modo que muitas vezes a nossa cooperação internacional foi posta de lado espontaneamente. Às vezes as coordenadoras das regiões/continentes não conseguiram fazer com continuidade o trabalho da *Conferência Mundial de Mulheres* ou tiveram de fazê-lo

sozinhas. A necessidade de financiar independentemente o trabalho da *Conferência Mundial de Mulheres* ainda foi um grande desafio.

Temos de tirar as lições do **processo preparatório** da *Conferência Mundial de Mulheres*. Isso constitui um fundamento firme para o futuro da *Conferência Mundial de Mulheres*. Realizou-se o lema “As mulheres estão a subir as montanhas mais altas”. Primeiro houve o terramoto devastador, depois o bloqueio não oficial e as políticas expansionistas do governo indiano, que ameaçou a soberania nacional do Nepal. As mulheres nepalesas, em cooperação com outras secções do povo, têm de defender a soberania nacional e a integridade do seu país. A realização da *Segunda Conferência Mundial de Mulheres* estava seriamente em risco. O financiamento também foi um desafio enorme. Mas as fortes mulheres nepalesas da Associação das Mulheres Unidas (UWA)** em conjunto com esforços internacionais ultrapassaram os desafios. **Vamos aprender com a experiência da Segunda Conferência Mundial de Mulheres! Vamos consolidar os nossos sucessos e ultrapassar todos os desafios!**

As crescentes **crises do imperialismo**, os desastres ambientais, crises económicas e o aumento de guerras de agressão serão um desafio para nós. Mas também desafiam as massas, especialmente as mulheres do mundo, para assumir a luta pelo seu futuro. Cada vez mais precisamos de discutir e procurar alternativas. Precisamos de procurar respostas. Para aguçar as nossas estratégias e o nosso ponto de vista também planeámos discussões teóricas, seminários e/ou conferências. Uma dessas discussões deve focar a libertação das mulheres. É pedido às novas Coordenadoras Mundiais que elaborem um plano para um seminário teórico internacional de mulheres entre a 2ª e 3ª *Conferência Mundial de Mulheres*. Este seminário deverá ser preparado por mulheres de vários países.

Encontramo-nos a caminho de um **movimento internacional das mulheres do mundo** na base dos nossos princípios – isto é:

1º: Nós trabalhamos acima de linhas partidárias! 2º: Nós trabalhamos e decidimos de forma democrática! 3º: Somos independentes, mas não nos isolamos umas das outras! Nós reforçamos a nossa própria base financeira! 4º: Nós aprendemos a trabalhar e a pensar como internacionalistas! 5º: Nós praticamos uma cultura democrática de debate! 6º: E o **critério mais importante para o nosso trabalho é se reforça o movimento das mulheres de forma sustentável!**

- Desenvolvamos as nossas **estruturas** para uma coordenação mundial, continental e regional, e levemo-las a um nível superior! Melhoremos o nosso **trabalho organizacional!**
- Desenvolvamos a nossa **comunicação** utilizando todos os meios técnicos sem negligenciar os aspetos da segurança!

- Coordenemos as nossas **lutas!** Em cada luta as mulheres devem sentir-se seguras de que são apoiadas e de que as suas lutas são divulgadas em todo o mundo!
- Desenvolvamos a nossa **identidade e cultura próprias**. Precisamos de **eleva a consciência** de homens e mulheres contra estruturas e modos de pensamento patriarcais!
- Promovamos exemplos de **autodefesa de mulheres** como resposta efetiva e legítima contra qualquer violência contra mulheres!
- Cooperemos com **outros movimentos sociais**, com o movimento dos trabalhadores, dos camponeses, dos ambientalistas, de ativistas pela paz, de ativistas contra a opressão baseada na orientação sexual, casta, cor, raça e religião, com revolucionários, em resumo: com todos aqueles que lutem pela libertação!
- Procuremos, discutamos, encontremos e lutemos por **alternativas para este sistema capitalista!** Não pode haver uma mudança radical na situação das mulheres a não ser que haja uma mudança drástica no sistema político, económico e social. Para alcançar tal meta, o movimento pela libertação das mulheres devia unir-se à luta revolucionária do povo para mudar o sistema existente.
- Desenvolvamo-nos como um **movimento militante de “mulheres do mundo”** que coopera de forma contínua, efetiva e com uma visão!
- Fortalecemos as **mulheres jovens** na sua decisão de assumir responsabilidade pelo futuro do movimento de mulheres enquanto “mulheres jovens do mundo”!

O sucesso dos três dias de ação e luta conjunta orienta-nos, e estamos ansiosas pela próxima *Conferência Mundial de Mulheres*, num outro continente, daqui a cinco anos - em 2021.

As mulheres do mundo conquistarão as montanhas mais altas!

Construiremos uma sociedade em que as mulheres não serão discriminadas, exploradas e oprimidas.

* A estrela * indica o número de países que estiveram presentes na 1ª Conferência Mundial de Mulheres 2011 - na Venezuela [nota de tradução]

** United Women's Association - Nepal

URL: <http://conferenciamundialdemujeres.org/kathmandu-resolution/>

